

K A H A N C O C K

*Danzando
sobre
cacos de
vidro*





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Mark, que soube acender a
minha chama com seu jeito
ímpar de ser. Amo você apaixonadamente!

prólogo

Conheci a Morte numa festa. Era o 12º aniversário da minha irmã Priscilla e eu tinha 5 anos. Ela não me pareceu especialmente assustadora, a Morte. Haviam me contado tudo a seu respeito, então vê-la não me causou uma impressão ruim. Até que me dei conta de que ela estava ali para levar o meu pai.

Quando eu era pequena, partilhava um ritual matinal com meu pai – que começava com o barulho de água correndo por canos ruidosos, um rangido choroso, logo que ele abria a torneira. Continuo a morar na casa onde cresci e até hoje é assim. Naquela época, porém, o barulho significava que meu pai tinha acordado.

Lembro-me de como eu subia a escada, trôpega, esfregando os olhos para espantar o sono, tateando o corredor escuro para encontrar o caminho até a porta fechada do banheiro. Eu batia e meu pai respondia:

– É a minha princesa Lulu?

Eu adorava o apelido, porque dava a Lucy, meu nome, um charme de conto de fadas – e essas coisas são muito marcantes para uma criança de 5 anos. Meu pai escancarava a porta e a luz fazia meus olhos doerem quando ele me deixava entrar no banheiro, nosso santuário particular – só meu e dele. Era um espaço pequeno. A banheira ocupava a parede toda e a pia tinha uma bancada minúscula, que mal comportava seus apetrechos de barbear e um sabonete. Mickey se queixa disso até hoje. Eu empoleirava meu corpo miúdo sobre a tampa da privada e abria o livro. Afinal, este era o objetivo de estar ali: praticar leitura em voz alta.

Enquanto isso, meu pai, em pé diante da pia, começava a se barbear. E todo dia, quando já estava com o rosto ensaboado, ele se inclinava na minha direção para me beijar e eu caía na gargalhada. Tenho 33 anos agora e ainda sinto o cheiro do creme de barbear, ainda ouço minha risada.

Meu pai era um homem grandalhão. Sua barriga praticamente encobria a pia cheia de espuma e, às vezes, depois de se aproximar do espelho para examinar uma coisa ou outra, ele descobria uma linha de espuma grudada no tronco nu e dizia:

– Olha só, Lu: ganhei um recheio cremoso, igualzinho a um biscoito.

E lá vinha outro beijo e mais risadas.

Quando dava por encerrada a sessão de barba, cabelo e gargarejo, ele passava loção Old Spice no rosto, enchendo o banheiro com aquele aroma inesquecível. Continuo fanática por Old Spice, mas não deixo Mickey usá-la.

Lembro-me perfeitamente daquelas manhãs. Das toalhas amarelas no chão à pia cheia de água e espuma, do Paul Harvey tocando baixinho no rádio ao uniforme bem passado pendurado atrás da porta.

Para Brinley, a cidade onde morávamos, meu pai era o Sargento James Houston. Para o restante do mundo era Jim e, para minha mãe e o parceiro dele, Deloy Rosenberg, era Jimmy. Eu adorava assistir à sua transformação de pai sonolento, barbado, despenteado e sem camisa em Sargento James Houston. Ao vê-lo sair daquele banheiro vestindo o uniforme que minha mãe passava todas as noites, eu o achava invencível. Para mim era inimaginável que alguma coisa pudesse feri-lo, muito menos duas balas minúsculas. Eu achava que ser o Sargento James Houston de Brinley Township equivalia a ser indestrutível.

Mas então a Sra. Delacruz, minha professora do jardim da infância, nos disse que todas as coisas vivas um dia morrerão.

– Tudo, sem exceção – falou ela, e eu fiquei preocupada.

Embora não me recorde, garanto que devo ter perguntado a meu pai sobre isso. Lembro-me apenas dele, certa noite, ajoelhado junto à minha cama, discutindo o assunto. Lily, que é quatro anos mais velha que eu, fingia dormir na outra cama, por isso meu pai sussurrou aquela declaração terrível: a Sra. Delacruz tinha razão, tudo que é vivo morre. Suponho que foi em reação ao meu horror que ele pegou minha mão, beijou-a e a passou pelo seu queixo barbado. Então falou:

– Lulu, você não precisa ter medo da morte. Na verdade, existem segredos sobre a morte que nem todo mundo conhece. – Lembro-me de que ele se aproximou mais e acrescentou: – Quer saber que segredos são esses?

– Segredos?

Aquilo soava absurdo, mas meu pai nunca mentia para mim, então continuei ouvindo.

– Lulu, tem três coisas sobre a morte que posso lhe garantir. Juro que a morte não é o fim. Parece que é, e é por isso que as pessoas choram, mas não é o fim. E não dói. Isso é uma coisa muito importante sobre a morte e dá medo se não entendemos. Ela não dói. Finalmente, quando não temos medo da morte, Lu, podemos esperar por ela e estar preparados. Você acredita em mim?

Seu rosto estava tão sério, sua expressão, tão confiável, que eu apenas assenti.

- Como é a cara dela?
- Não tenho certeza, mas aposto que é bonita.
- Bonita?
- Muito bonita e delicada.

Então ele explicou para o meu cérebro infantil, que absorvia tudo como uma esponja, que a morte e o modo como se morre não eram a mesma coisa. Que às vezes a maneira de morrer doía mesmo, mas a morte trazia uma certa magia, porque a gente acabava se esquecendo da dor como se nunca a tivesse sentido. Isso abriu uma enorme discussão sobre todas as formas horríveis como alguém podia morrer e como era maravilhoso que a gente fosse capaz de esquecer. Devo ter me mostrado cética, o que é estranho, porque eu não duvidada do que ele estava me dizendo. Ainda assim, meu pai me perguntou:

- Lulu, você se lembra de nascer?

Recordo-me direitinho de ter ponderado a resposta.

- Não.

Ele assentiu.

- Viu? Com a morte acontece a mesma coisa. A gente esquece.

Fiquei impressionada. Meu pai estava certo. Ele sempre estava certo. Não me lembro de tudo que ele me disse, mas me lembro de como o mistério da morte se dissolveu em seus olhos sinceros naquela noite. Confiei cegamente nele e suas palavras ficaram comigo e se cristalizaram na minha alma adulta. Claro que me dou conta de que elas foram apenas uma dádiva concedida à minha inocência; segurança para tranquilizar uma garotinha que não conseguia dormir. Quem diria, porém, que a calma que ele me infundiu me ajudaria a superar muitas perdas e seria capaz de me confortar quando quase perdi a mim mesma?

Ele tinha razão, claro: todo mundo morre. Mas, se não é o fim e se não dói... Bem, o que há para se temer então?

Sem dúvida essa foi minha lógica aos 5 anos. Por isso, quando a Morte apareceu na festa de aniversário de Priscilla, fiquei curiosa, mas não assustada.

A festa era no nosso quintal. A churrasqueira chiava com hambúrgueres, as garrafas de cerveja e o ponche mal cabiam nos *coolers* e mamãe arrumava as velas no bolo de Priss. Além de metade da turma de Priscilla, também estavam presentes vários amigos dos meus pais. Jan e Harry Bates, nossos vizinhos de porta, tentavam impedir o filho desengonçado de perseguir minha irmã Lily por todo lado com seu porquinho-da-índia. (Eles tinham 9 anos, mas mesmo naquela época eu já sabia que Lily se casaria com Ron Bates. Todo mundo sabia.) A Dra. Barbee também estava lá, bem como os Whiteses, da funerária no fim da rua, além dos colegas de polícia do meu pai. Nem o prefeito faltou.

Eu estava pondo pratos de papel na mesa de piquenique quando notei a presença dela. Na mesma hora soube quem era e ela não me pareceu muito ameaçadora ou fora de lugar. Na verdade, dava a impressão de que seria gentil, embora eu hoje tenha dúvidas disso. Não acho que conseguiria descrevê-la se precisasse. Como é possível descrever uma sensação ligada a uma aparição? Acho agora que foi mais uma espécie de conhecimento nu e cru que tomou forma e dimensão que algo em mim reconheceu. Eu já a vi depois disso e a rotulei de feminina, mais por instinto e impressão do que por alguma evidência. Ainda assim, eu a reconheceria em qualquer lugar.

Não me assustei nem um pouco com sua presença. Lembro-me de ter ficado quase hipnotizada pelo som do seu sussurro, apesar do barulho, embora não tenha ouvido o que ela disse. Eu a observei flutuar entre os convidados, sua aparência tão consistente quanto o interior de uma nuvem. A certa altura, chegou a olhar para mim, direto nos olhos. Mesmo que meu pai não tivesse me falado a seu respeito, acho que eu saberia quem ela era. Foi uma conexão irreprimível, inegável. Ela também me conhecia. Sorriu para mim – para a menininha que eu era –, mas viu minha alma adulta, e minha alma adulta entendeu. Ela viria me buscar também. Mas ainda não.

Não, ela estava ali por causa do meu pai. E ele também deve ter sentido isso, porque cruzou seu olhar com o meu do outro lado do quintal. Ainda posso ver o rosto dele, a compreensão em seus olhos, que me diziam para não ter medo – ele não tinha.

Eu ainda achava que meu pai era grande demais para morrer e forte demais para sofrer uma perfuração que o matasse. Mas duas balas minúsculas fizeram exatamente isso. Ele morreu no dia seguinte ao aniversário de 12 anos de Priscilla, enquanto tentava impedir um vagabundo de assaltar o posto de gasolina de Arnie.

A Morte veio buscar minha mãe doze anos mais tarde. Então ficamos só nós três: Lily, Priscilla e eu.

u m

Consulta com a Dra. Barbee. Almoço com Lily. Pegar a roupa na lavanderia. Passar no hospital para dar um beijo em Mickey. Eu estava deitada na mesa de exames, congelando, contando meus compromissos do dia nos dedos enquanto aguardava. Charlotte Barbee dissera que voltaria logo para terminar o exame, mas vários minutos tinham se passado. contei nos dedos de novo. Almoço. Lavanderia. Mickey. Havia alguma outra coisa, mas não consegui me lembrar o quê. Na verdade, não conseguia ir além de Mickey. Fazia seis dias que ele estava lá – mas, é claro, muitos dias antes ele já não era realmente o Mickey. Hoje de manhã, porém, ele me pareceu ótimo, quase o mesmo de sempre.

Charlotte entrou apressada, pedindo desculpas.

– Droga de plano de saúde! Eles acham que não tenho mais o que fazer... – Ela bufou e depois suspirou. – Onde estávamos, Lucy?

Num instante voltei à posição anterior, os pés descalços apoiados com firmeza nos estribos de metal da mesa ginecológica, congelados como o restante do meu corpo.

– Por que todo esse frio aqui dentro, Charlotte? Isso é maldade.

Ela não respondeu, então levantei a cabeça do travesseiro e vi seu rosto entre meus joelhos dobrados. Ela estava ajustando um par de afastadores para ter uma visão melhor daquilo que, na minha opinião, jamais deveria ser visto.

– Então, como vai Mickey esta semana? – indagou Charlotte, ignorando meu comentário sobre a temperatura.

– Melhor do que na semana passada – respondi, retesando-me em reação ao seu toque.

– Ele continua no hospital?

– Continua. Mas vai poder ir para casa na sexta, se estiver bem. E espero que esteja!

Charlotte Barbee abriu seu sorriso compreensivo.

– Há quanto tempo vocês estão casados?

– Quase onze anos.

– Não pode ser. Como o tempo passou tão depressa? Agora respire fundo.

Respirar fundo me fez tossir e então me lembrei: comprar pastilhas para a tosse.

Aquele era o meu checkup anual e Charlotte Barbee não podia ser mais meticulosa. Sabia o que procurar e, se encontrasse alguma coisa, eu veria em seu rosto – como vira antes. Para um observador desinformado, talvez parecesse apenas um exame de rotina comum, mas a verdade era mais complicada. Eu estava sendo virada do avesso em busca de uma recorrência do câncer. Tivera o primeiro episódio da doença sete anos antes, aos 26. A patologia me situava não na coluna das mulheres adultas saudáveis, mas na coluna mais delicada das sobreviventes de câncer – quer dizer, pelo menos até eu ter completado cinco anos sem recidivas. Respiro com mais facilidade agora que estou na coluna saudável com minhas duas irmãs. O mesmo câncer que levou nossa mãe e nossa avó ameaça também Lily, Priscilla e a mim. Com esses genes instáveis correndo em nosso sangue, somos todas muito vigilantes, sobretudo a Dra. Barbee, em quem depositamos nossa confiança.

Lily se ofereceu para ir à consulta comigo, para me dar apoio moral, mas, honestamente, esses checkups são mais difíceis para minha irmã do que para mim, por isso dispensei sua generosidade. Lily é a mais preocupada de nós três, e seu maior medo é me ver adoecer de novo. Hoje em dia, quando se trata de exames médicos, ela se prepara para o pior, rezando o tempo todo para ouvir as palavras mágicas da boca de Charlotte: está tudo ótimo. Essa declaração equivale a ganhar na loteria e, até ouvi-la, Lily tem a convicção de que uma preocupação dedicada é a garantia de um bom resultado.

Quanto a mim, só espero ter mais tempo. Durante cinco anos me dei por feliz de receber a vida em porções semestrais, pelas quais eu agradecia e comemorava como se tivesse passado a perna no destino. Agora, se eu for considerada saudável nos checkups anuais, terei direito a nacos maiores de tempo. Hoje é o meu segundo checkup *anual*, e devo dizer que doze meses dão de dez em seis. Ainda assim, minha rotina é a mesma – recebo a boa notícia, agradeço a Deus e sigo em frente com a minha vida. Mas só até chegar a hora de me preparar para a consulta seguinte e pesar mais uma vez as estatísticas, que são desoladoras. Ao voltar, o câncer costuma se mostrar vingativo. Se sinto o medo me dominar, o que acontece de vez em quando, eu o espanto com as palavras que ouvi do meu pai há muito tempo.

Às vezes me pergunto se ele fazia ideia de que eu levaria sua sabedoria tão a sério. Mas, por causa dela, a morte, no fim das contas, não me apavora. De estar

morrendo, porém, não posso dizer o mesmo. Já passei por isso antes e não me saí bem. Observar as pessoas que amo, o pavor nos olhos de Mickey... Agradeço a Deus todos os dias por termos superado isso, pois descobri que sou muito melhor em deixar partir do que em aceitar que me deixem partir.

– Preciso só de uma amostra de urina e você está liberada – disse Charlotte, trazendo-me de volta ao presente.

– Então, está tudo bem comigo?

Pousando as duas mãos fortes e habilidosas em meus ombros, ela cravou os olhos nos meus:

– Vamos mandar todas as suas amostras para o laboratório e eles me ligarão dizendo que você está ótima.

– Eu sabia. Quer dizer que não devo me preocupar com o cansaço?

– Lucy, eu estou cansada. Cansaço não é privilégio seu – queixou-se ela.

– E essa coceira na garganta?

– Abra a boca. – Ela me examinou com o auxílio de um abaixador de língua.

– Não vejo nada que me preocupe aqui. Há quanto tempo você está tossindo?

– Não sei. Alguns dias, acho.

– Vou colher uma amostra para ver se não há estreptococos, só para garantir.

– Você é uma médica maravilhosa – comentei, depois de quase me engasgar enquanto ela colhia a amostra para o exame.

– Tento ser. – Ela pôs a amostra num pequeno frasco de plástico e sorriu para mim. – Tudo certo. Agora vista essa camisola e vá fazer a mamografia.

– Maravilha – falei, com sarcasmo.

Ter meus pequenos seios impressados no mamógrafo e examinados em busca de mudanças microscópicas era a pior parte dessa provação. O câncer começa numa única célula, que recruta as células à sua volta para a rebelião e depois sai vandalizando a vizinhança. Uma vez detectados pontinhos numa mamografia, o dano já teve início. Charlotte ergueu meu queixo com o dedo e me olhou como se lesse meus pensamentos.

– Lucy, eu ligarei se precisarmos conversar, mas não estou preocupada. Então não se assuste se eu telefonar só para bater papo.

Assenti.

– Certo. Ótimo. Vamos jantar na semana que vem.

Do outro lado do corredor, forcei-me a conversar com Aretha enquanto ela manipulava meus seios como se fossem massa de pão. Ela é a única técnica em mamografia de Brinley, por isso deve conhecer os peitos da nossa pequena comunidade melhor do que suas donas. É uma mulher alta, atlética e totalmente profissional. Fico imaginando o que ela deve pensar quando nos vê fora da clí-

nica, tocando nossas vidinhas cotidianas. Será que reconhece nossos peitos antes de registrar nosso rosto?

Gosto de Aretha. Seu filho, Bennion, foi meu aluno de história e eu sabia que ela monitorava seus deveres de casa. Pensei em lhe agradecer por isso, mas, como já falei, ela é o profissionalismo em pessoa. Desde que comecei a fazer esses exames, Aretha nunca me disse nada até terminar seu trabalho, e hoje não era uma exceção.

- Prontinho, Lucy. É sempre um prazer ver você. Benny adorava suas aulas.
- Ele é um bom aluno. Você deve ficar orgulhosa.
- Fico, sim.

Vesti-me e comecei a escovar meu cabelo comprido. Perdi um pouco a noção do que fazia, olhando pelo espelho à procura *dela*. Preciso fazer isso em todos os checkups – é parte do ritual. Procuo sinais de que a Morte esteja à espreita num canto, no espelho, de pé atrás de mim, ou flutuando em torno do meu campo de visão. Mas não há nada, o que é muito reconfortante – ainda mais com as palavras mágicas da Dra. Barbee.

Depois de pronta, fui a pé até o Damian's, onde combinei de me encontrar com Lily para almoçar. A caminhada, com o sol e a brisa morna no meu rosto, foi uma delícia. Adoro morar aqui. Brinley, Connecticut, é uma cidadezinha onde se pode chegar a praticamente qualquer lugar em menos de quinze minutos a pé. Do ancoradouro até “o centrinho” – a versão local de uma praça municipal – são pouco mais de três quilômetros, e as ruas paralelas que formam nossos bairros se estendem apenas por mais um quilômetro e meio de cada lado. Connecticut é cheio de história e charme, mas, para mim, Brinley é o melhor de tudo: bairros antigos e respeitáveis, ruas arborizadas, aquela política que é exclusividade de cidades pequenas, com reuniões de emergência no centrinho para discutir o problema do cocô dos cachorros ou a necessidade de regulamentar a forma como são enroladas as mangueiras.

Havia um monte de gente na rua e ninguém parecia muito apressado para chegar a algum lugar. Mas talvez isso fosse apenas porque eu não tinha que ir a lugar nenhum, depois do início das férias escolares e de ter corrigido 170 provas finais.

Vi minha vizinha Diana Dunleavy levando a neta, Millicent, para a aula de balé. A garotinha rechonchuda fazia piruetas ao passar pelo mercadinho Mosely's em seu tutu rosa-shocking. Diana acenou para mim.

– Millie herdou todo esse talento de mim, sabia? – gritou ela do outro lado da rua.

Caí na gargalhada ao ver a menina dar uma trombada em Deloy Rosenberg, que vinha saindo da Sandwich Shoppe com uma refeição para viagem. Ele deixou

cair a bandeja de papel, virando um dos sacos, mas aparentemente sem grandes danos. Ainda assim, Millie escondeu o rosto enrubescido nas dobras da saia de Diana até que o chefe de polícia de Brinley desistiu de acalmá-la e se afastou com seu almoço. Toda vez que encontro Deloy de uniforme lembro-me do meu pai.

Avistei Lily e Jan do outro lado da rua, então atravessei em zigue-zague para alcançá-las. Jan Bates, nossa vizinha de porta, acabou virando sogra de Lily, exatamente como eu previra na infância. O que eu não sabia na época era que Jan se tornaria uma verdadeira mãe para mim também.

Oscar Levine martelava uma placa no portão do nosso pequeno parque quando me viu. O homenzinho ossudo largou o martelo e gritou:

– Lucy, você vem à Festa da Savelha no sábado, certo?

– Claro que ela vem, Oscar – respondeu Lily por mim.

Jan me deu um rápido abraço e sussurrou em meu ouvido:

– Diga que sim e pronto.

– Eu não perderia a festa por nada – respondi a Oscar. – Mickey já vai estar em casa até lá e também vem comigo.

– Beleza!

A Festa da Savelha é um ritual de primavera que acontece em todo o vale do rio Connecticut, mas nós, moradores de Brinley, seguimos a tradição à risca. Prestamos homenagem aos peixes supostamente ameaçados pregando-os em pranchas de carvalho em volta de uma fogueira e depois nos empanturrando com eles. Essa é apenas uma das muitas coisas que me fazem adorar morar em Brinley.

– Bem, preciso ir ensinar garotinhos a plantar pinheiros – disse Jan, rindo.

– Não se metam em encrenca, meninas – recomendou, dando um beijinho em cada uma de nós antes de seguir seu caminho.

Minha irmã então se virou para mim com um sorriso grande demais que não conseguia esconder sua ansiedade.

– E aí, como foi? – perguntou, enlaçando meu braço no dela.

– Estou ótima. Charlotte não viu nada de preocupante. E Aretha disse que meus peitos estão fantásticos.

– É, posso ouvi-la dizendo isso.

– Na verdade, falou que estão mais bonitos que os seus.

Lily riu.

– Bom, agora sei que você está mentindo. – Minha irmã é linda, tem cabelo louro e curto, pele clara como a de nossa mãe e, ao sol, é quase translúcida. – Então está tudo bem? – perguntou, ficando séria.

– Tudo bem – garanti, com uma leve tossida.

Ela se inclinou, encostando a cabeça na minha, e senti um tremor de alívio em seu corpo.

– Mentirosa.

– O quê?

– Sei que é cedo demais para ter certeza.

– Talvez, mas Charlotte não me pareceu nem um pouco preocupada. Por isso também não estou.

Lily me fitou nos olhos como se buscasse uma verdade escondida. Sempre fez isso.

– Estou ótima, Lil. Sinto que estou.

Ela assentiu, mas não desviou os olhos de mim.

– Ainda bem, porque... Você sabe, Lucy, que eu me recuso a enterrá-la.

– Sei – falei, apertando sua mão.

Na esquina, George Thompson, o único florista da cidade, carregava o portamalas de um Cadillac com mudas de flores primaveris. Ele resmungou um cumprimento indefinido para nós enquanto arrumava os botões, contorcendo o rosto numa careta.

– Como vai Trilby, George? – perguntou minha irmã ao nos aproximarmos.

– Ela melhorou?

– Não. E anda muito ranzinza. Sabe-se lá por quê, a culpa é minha por ela ter quebrado o pé. Não fui eu que cismeiei de fazer “jazznástica”, caramba. Pare de rir, Lucy! Não tem a menor graça!

Lily me cutucou com o ombro e disse a George:

– Olhe só, diga a Trilby que o espelho antigo que ela encomendou já chegou.

Ela pode passar para pegar quando estiver melhor.

George parou o que estava fazendo e se empertigou. Aparentemente não sabia nada sobre um espelho antigo. A situação parecia que ia azedar, mas Muriel Piper nos poupou do constrangimento.

– Oi, meus amores! – cacarejou. – Que dia lindo, não? Estou enlouquecendo com essas flores.

Ela deu uma gargalhada gostosa e rouca. Muriel é uma matriarca de Brinley, à beira dos 90 anos, embora jamais admita a idade. Estava de calça jeans, um moletom com capuz e brincos de brilhantes tão pesados que puxavam os lóbulos de suas orelhas para baixo – um modelito informal de jardinagem, com certeza.

Muriel me apertou num abraço cuja força contradizia sua idade.

– Lucy, você está magra demais. Quero que vá lá em casa, que vou cozinhar para você. Nunca se cuida direito quando Mickey não está bem.

- Ele vai voltar para casa na sexta-feira. E estou me alimentando muito bem.
- Só na sexta? Ele vai perder a cerimônia fúnebre de Celia amanhã.

Concordei.

- Bem, apareça com Mickey no fim de semana para eu dar um abraço nele. Adoro aquele menino. - Então se virou para Lily. - E o seu também! Será que é possível ser mais bonito? Minha nossa!

- Vou contar a ele que você disse isso, Muriel.

- Não se atreva! Eu ficaria com vergonha! É melhor eu ir. Essas flores não vão se plantar sozinhas.

Muriel acenou para nós e arrancou com o carro, o porta-malas abarrotado de petúnias e gérbas.

Meu celular tocou no bolso e o atendi.

- Oi, Priss.

- Está tudo bem? - perguntou minha irmã mais velha, sem rodeios.

- Charlotte falou que pareço estar ótima, mas que vai ligar se os exames mostrarem algum problema.

- Ok. Vou entrar numa reunião. Me ligue mais tarde. Quero saber de todos os detalhes. - E então desligou.

Guardei o celular e olhei para Lily.

- Não é de espantar que ela seja uma grande advogada.

- Ela só queria saber se você está bem - disse Lily, fazendo pouco caso. - E aí? - emendou, enquanto entrávamos no restaurante. - Mickey vai voltar para casa na sexta. Ele sabia da sua consulta de hoje?

Balancei a cabeça, negando.

- Ele está se recuperando. Não quis falar nada até ter todas as notícias boas para dar junto.

- Você é uma boa esposa, Lu. Mic tem sorte de ter você.

Dei de ombros, dispensando o elogio e pensando que na verdade era o contrário. Depois de tudo o que passamos, sei que hoje amo Mickey Chandler mais do que no dia em que nos casamos.

dois

REGISTRAR = PROCESSAR = ENTENDER

7 DE JUNHO DE 2011 – PARA A SESSÃO COM GLEASON

Levei quase uma semana para sair do buraco desta vez, mas ao menos não me deixei afundar totalmente. Sabia que estava encrocado, equilibrando-me na beira do abismo e mais uma vez achando que seria capaz de dar um salto e voar – ganhar altitude e pairar sobre o precipício que eu tinha consciência de que iria me engolir. Isso já aconteceu antes, mas felizmente não agora.

Esta é a minha vida: o tempo todo me aproximando e me afastando da beira de um buraco que ora me fascina, ora me apavora – um buraco cheio de qualquer coisa que a minha imaginação dite no momento. É imperativo que eu me mantenha distante, mas quanto mais perto chego, melhor me sinto. Ou pior. E essa é a ironia ridícula, porque sou compulsivamente atraído para esse perigo e, quanto mais perto chego, mais perto quero chegar. Essas profundezas representam uma fuga inimaginável – às vezes pura euforia, outras vezes, uma dor tão intensa que não consigo nem começar a descrever. Seja como for, a beira do abismo me chama com suas mentiras que soam como promessas. Mentiras doces, sedutoras, às quais nem sempre consigo resistir.

Os remédios ajudam. Assim como a terapia. Minha força de vontade também ajuda, quando consigo encontrá-la. Assim como meu intelecto, que, por incrível que pareça, não está amarrado às outras funções do meu cérebro deficiente. Tenho o conhecimento mais profundo que a experiência pessoal é capaz de proporcionar. Em meio a tudo isso, quase sempre sei o que está acontecendo comigo, mesmo que às vezes me sinta distante, como um espectador. Ainda assim, tento pôr em prática uma das muitas estratégias destinadas a evitar que eu seja engolido. Nem sempre funciona.

Minha maior influência é minha esposa. Graças a ela estou decidido a manter uma boa distância do precipício, mesmo que nem sempre eu consiga. Às vezes, como quando ela ficou doente, o precipício vem até mim. Às vezes, isso acontece sem motivo algum. O abismo cresce de forma inexplicável, mesmo que eu corra dele para salvar a vida, até ficar sem chão sob meus pés e me ver perdido outra vez. Por mais que eu me esforce, é em vão.

Para muita gente, esse abismo não existe, mas ele é uma ameaça real para quem sofre de transtorno bipolar. Sei que pareço um dependente químico, mas nenhuma droga causa a mesma sensação que a loucura quando está prestes a nos dominar, nem o desespero que vem imediatamente após você ter cedido a ela.

7 DE JUNHO – MAIS TARDE

Reli a última coisa que escrevi no diário procurando identificar alguma merda reveladora capaz de levar meu psiquiatra, Gleason Webb, a torcer o nariz e me mandar refazer tudo. Mas não vi nenhum trecho em que eu possa ter extrapolado. Aquele ali sou eu, sim, e acho que descrevi a situação bastante bem para um pirado.

Eu estava esperando Lucy na escadaria da frente desta clínica que às vezes parecia ser o meu lar longe de casa. Estava tendo um bom dia, interna e externamente. Podia sentir meu eu estável emergindo aos poucos, porém com confiança. Eu tinha que admitir que sentira falta desse cara. Ele me deixa satisfeito. Não é lá muito excitante, mas é cômodo e seguro, e posso contar com ele para pensar com clareza.

Consultei o relógio e me perguntei onde estaria Lucy – a essa altura já deveria ter chegado. Levantei-me e comecei a andar de um lado para outro, mas logo tornei a me sentar. Ela chegaria quando chegasse, não havia motivo para ficar nervoso. Sorri porque de repente me dei conta de que os remédios tinham funcionado. Eu era capaz de argumentar comigo mesmo e isso me alegrou... O milagre dos psicotrópicos. Lucy ficaria feliz – ela gostava mais do Cara Estável do que de mim, o que não era propriamente verdade. Lucy me amava – mesmo com parafusos soltos, peças sobressalentes e partes danificadas. Ela amava o pacote todo – dizia que devia ser assim ou não faria sentido me amar. Jurou, faz uma eternidade, que isso era verdade e fez jus a esse juramento. Quem teria acreditado nisso? Essa mulher ainda me fascina, sobretudo em momentos como este, quando saio do buraco com o cérebro embotado e a primeira coisa que consigo enxergar com nitidez é o seu amor. Todo ser humano que não bate bem deveria ter a mesma sorte.

Mickey estava esperando por mim sentado na escada do Edgemont Hospital. De calça jeans e camiseta cinza, não lembrava em nada um paciente. Assim

que atravessasse a rua e ele me viu, seu rosto se iluminou e tive vontade de rir. Ele parecia tão bem, tão saudável. Os ombros largos e as pernas compridas são sua marca registrada. Mas o sorriso é o que mede sua sanidade e, daquela distância, ele parecia perfeitamente bem. Mickey ficou de pé e empurrou os óculos escuros para o alto da cabeça, onde o cabelo escuro continuava farto, a mecha prateada caindo sobre a testa do mesmo modo como quando o conheci. Caminhou ao meu encontro com um sorriso tímido e, ao chegar perto, me envolveu num longo abraço apertado – mas não apertado demais, o que era um bom sinal. Cheguei a pensar que dava para ver o meu Mickey ali dentro, naqueles olhos escuros que poucos dias antes tinham uma expressão insana e desfocada.

– Como você está? – perguntei.

Mickey se afastou e passou a mão no meu cabelo.

– Melhor, Lu. Estive com Gleason hoje de manhã. Ele confirmou que posso ir para casa na sexta.

Dei um beijo nele.

– Bom para você. Bom para mim.

– É. – Ele me puxou de novo para seus braços. Aquele era o meu Mickey.

– O que você estava fazendo aqui fora?

– Esperando você. Peony disse que ficaria de vigia.

Ele olhou para cima e seguiu seu olhar. De fato, a enfermeira de Mickey, Peony Litman, me acenou da janela do terceiro andar. Tinha no mínimo 70 anos e, fiel à sua formação conservadora, vestia-se toda de branco e usava touca.

– Ela falou que podemos dar uma volta, se você se responsabilizar por mim.

Olhei para cima e acenei. A enfermeira sorriu e acenou em resposta.

Edgemont é um velho hospital colonial que passou por algumas reformas. Na aparência, continua feioso e antiquado, mas essa instituição é eficiente o bastante para atender Brinley e New Brinley. O hospital fica no meio de um terreno impecavelmente cuidado e, nessa tarde amena, havia vários pacientes ali fora. Fiz Mickey passar o braço em volta do meu ombro e inspirei a suave fragrância de lilases e lavandas.

– Senti saudade de você, meu bem – disse ele.

– E eu de você.

– Pelo menos não peguei um avião nem roubei nada. Não saí cavucando o jardim...

– Graças a Deus.

Na semana anterior, o humor e a energia de Mickey haviam alçado voo aos poucos, à medida que ele ajustava a medicação. Este é o problema de Mickey:

aliviar os sintomas depressivos com remédios, Prozac por exemplo, às vezes o leva à hipomania – ele gosta disso, razão pela qual ele não se dispõe a reverter o quadro, sempre achando que pode controlar essa energia. Dessa vez, porém, apesar da tentativa de seu médico de tratá-lo como paciente ambulatorial, Mickey não conseguia dormir. Se não houvesse intervenção, em seguida viria a psicose. Graças a um ajuste na medicação e alguns dias de internação em Edgemont, ele agora estava próximo do que se considera normal para o restante do mundo, mas que, para o meu Mickey, está longe disso. Ainda assim, é mais fácil recuperar-se disso que dos surtos depressivos.

– O que você tem feito? – perguntei.

– Nada de mais. Um bocado de estabilização. Quando fica chato, conto as papadas de Peony.

– Não implique com ela. É um trabalho duro cuidar de você. Jared apareceu por aqui?

– Duas vezes. Ele teve notícias do arquiteto e quis me mostrar alguns projetos. São bons. Acho que vamos derrubar aquela parede do fundo para abrir espaço para mais mesas.

Mickey e o sócio vinham falando sobre essa expansão da casa noturna desde o ano anterior. Seria ótimo ver algo finalmente acontecer.

Ele olhou para mim.

– Preciso lhe contar uma coisa, Lu.

Parei. Essas palavras costumavam ser um prelúdio à catástrofe, por isso me preparei. Será que ele havia comprado outro ônibus no eBay, contratado mais imigrantes para pintar a nossa casa ou pegado emprestada uma cabra para comer nossa grama?

– Estou ouvindo – falei.

– Não é nada ruim. É só que há uns quatro meses, Lucy, eu... Eu estava bem, então comprei uma passagem para nós num cruzeiro.

Fitei-o com uma expressão séria.

– Num cruzeiro?

– Queria lhe fazer uma surpresa.

– Ok, estou surpresa. Quando viajamos?

– Bom, devíamos ter viajado na quinta-feira, seu último dia de aulas.

– Ah... – suspirei. – Seria divertido. Por que não me contou?

– Eu ia contar, mas queria que fosse surpresa.

– Que amor.

– Estou pedindo reembolso. Talvez consiga metade do dinheiro, porque foi uma internação de emergência. Sinto muito, meu bem.

– Eu também! Dá para imaginar? Sexo na praia à meia-noite. Nós dois nadando nus no mar... Acho que preferia que você não tivesse me contado.

– Sexo na praia?

– Sexo na praia, Michael. E muito.

Mickey abriu um sorriso – meu marido estava deslumbrante e com uma expressão espantosamente normal.

– Que tal irmos para o Havaí no seu aniversário, em setembro?

– Hummm.

– Sério. Vamos. Isso vai me manter bem.

Não posso dizer quantas vezes esse mesmo plano não deu certo – talvez nem sejam tantas quanto eu imagino, já que aprendemos a não planejar demais. Mesmo assim a ideia do Havaí me pareceu fabulosa. Beije o queixo dele.

– Lucy, juro que vou fazer dar certo.

– Tenho uma sugestão – falei. – Juntamos o dinheiro, fazemos as reservas, eu compro o biquíni. Daqui a três meses, no meu aniversário, com ou sem você, eu vou para o Havaí.

– Ah, eu irei também. Você não vai sem mim.

– Sei disso, mas só por garantia... Você vai ter que cumprir a promessa.

Ele passou o braço em volta de mim e continuamos a passear, sonhando e fazendo planos, até os remédios deixarem a boca de Mickey seca demais para falar. Quando voltamos à Unidade Psiquiátrica no terceiro andar, Peony estava de prontidão para nos deixar entrar.

– Lucy! Que bom ver você, meu bem. Como vai?

– Nada mal.

– Já começaram as férias de verão na escola?

– Sim. Como isso é bom!

A velha enfermeira estalou a língua.

– Todo mundo acha que meu trabalho é difícil, mas eu não trabalharia com adolescentes nem pelo dobro do que ganho.

Sorri. Eu sentia a mesma coisa com relação ao trabalho dela. Peony entregou a Mickey os comprimidos e um copinho descartável com água e o observou tomá-los. Depois que ele engoliu, ela examinou sua boca e debaixo da língua. Esse pequeno gesto invasivo sempre me surpreendia. Na nossa vida normal, Mickey era um empresário brilhante, divertido, bem-sucedido. Um bom amigo e ótimo de papo. O cara que preparava o jantar se chegasse em casa antes de mim e que resmungava quando eu lhe pedia que desse um pulo no Mosely para comprar absorventes. Que fazia rodízio nos meus pneus e pagava a conta de luz. O cara ao qual eu ainda não conseguia resistir quando saía do

banho. E que também era esse cara aí, que de vez em quando se desviava do rumo cuidadosamente mantido, a ponto de Peony precisar checar se não havia escondido o remédio debaixo da língua. Apertei sua mão e ele respondeu apertando a minha.

Depois de anos de paciência, perseverança e competência, Gleason – o Dr. Gleason Webb – enfim chegara a um coquetel eficaz para tratar o transtorno bipolar de Mickey. Medicamentos que meu marido às vezes abandonava por motivos que tinham sentido apenas para ele, mas que sempre conduziam a uma reintrodução gradual do coquetel, situação em que nos encontrávamos nesse momento. É necessário um pequeno punhado de comprimidos diários para manter o equilíbrio do meu marido: um estabilizador de humor, em geral lítium, às vezes Depakote, com frequência ambos; vez por outra Risperdal, para impedi-lo de ouvir vozes; Neurontin, para que não tenha convulsões – efeito colateral do Risperdal; Mantidan, para os sintomas semelhantes aos do Parkinson que podem ser provocados pelo uso do Depakote; Propranolol para os tremores e Benadryl para a rigidez muscular causada por eles; Rivotril para a ansiedade e Stilnox para ajudá-lo a dormir. Sem contar os antidepressivos acrescentados quando necessário. Tudo isso funciona como mágica para normalizar o comportamento, o humor e as reações de Mickey, mas depende de ele tomar o que lhe é prescrito e nas horas certas, o que costuma ser uma loteria.

Esta é a música de fundo da nossa vida: Mickey está tomando os remédios? Se eu fosse outro tipo de esposa, daquelas que contam os comprimidos, e observasse Mickey engoli-los, como faz sua enfermeira, a resposta seria um sim retumbante. Mas nunca consegui me imaginar tirando dele essa responsabilidade, essa dignidade, por isso nunca o encorajei a depender de mim. Na saúde ou na doença, eu gostava dele com autonomia, não dependente. Isso não significa que eu não fique de olho nele nem que deixe de cuidar da situação durante os surtos. É isso que se faz quando se ama alguém como Mickey. Não estou reclamando. Fui informada de como seria esse tipo de vida. Tive dezenas de oportunidades de mudar de ideia. A verdade é que acho que amei Mickey desde o momento em que o vi. Graças a Deus, porque agora não consigo me imaginar amando – ou sendo amada por – outra pessoa. Apesar dos reveses (e de um cruzeiro cancelado), sei que escolheria Mickey de novo.

Não importa qual venha a ser o seu título – mãe ou tia –, por favor, Lily, fale de mim para a minha filha. Diga a ela que mesmo quando o restante de mim falhou e o pouco que eu podia dar diminuía diariamente, meu amor por ela enchia o Universo. Diga que eu a amarei para sempre e fale para ela não ter medo. Nem da vida nem da morte. Diga que, se eu jamais tiver a chance de abraçá-la ou de beijar seu rosto, sei que farei isso um dia. Diga, Lil, que ela é meu incrível milagre. E lhe diga todos os dias quanto amei o pai dela.

Lily, adoro Mickey desde a primeira vez que o vi, mas o escolhi porque jamais conheci um homem capaz de atravessar o concreto a nado. Ele é extraordinariamente forte. Jamais permita que ele se esqueça disso. E quando ele tomar o rumo daquele lugar terrível e escuro, faça com que ele comece a nadar e não pare até atingir a outra margem, onde é quente e seguro e existe paz e luz... e a filha dele.

Michael Chandler será para sempre o meu herói. E agora você precisa deixar que ele seja o dela.

Todo o meu amor para todos os meus amores.

Lucy.

Li a carta tantas vezes que dava para ouvir a voz de Lucy saindo do papel. Meu Deus, como eu a amava. Só Deus sabe o que teria sido de mim se ela não tivesse cruzado o meu caminho no seu aniversário de 21 anos. Mas Lucy me encontrou e acreditou em mim. Ela me amou. E, com seu amor, me transformou em um homem que ela sabia ser forte o bastante para criar a nossa filha, ainda que eu mesmo ainda não soubesse disso.

Abby se remexeu em meus braços. O mais minúsculo dos anjos foi o presente inestimável de Lucy para mim. Sua fé em mim foi o outro. Contemplei minha filha, fitei seu rostinho perfeito. Ela me encarava com olhos muito parecidos com os da mãe.

– Eu te amo, pequenininha – falei com voz rouca. – E, se o amor basta, já ganhamos esta parada.

Aconcheguei-a ao pescoço, sabendo que jamais pronunciara palavras mais verdadeiras.

epílogo

Saí do Damian's, onde tinha me encontrado com Gleason para almoçar, e segui até a Cemetery Road pela calçada que margeia o centrinho de Brinley. Eu estava bastante satisfeito porque meus exames haviam mostrado que eu estava dentro da normalidade. Eu era o Cara Estável, e Gleason também se alegrou com isso. Não que ele precisasse dos exames de sangue para comprovar. Minha estabilidade datava de mais de um ano, o que basicamente coincidia com a última vez em que eu havia brincado – como diria Lucy – com a medicação. Agora eu me encontrava com Gleason duas vezes por semana, uma para fazer terapia e a outra para almoçar (ou jantar), às vezes para jogar basquete e comer um hambúrguer. Gleason estava semiaposentado, mas me disse mais de uma vez que se aposentaria da psiquiatria, não de mim. Eu lhe prometera que não o enlouqueceria e cumpri a promessa. Mas mesmo com o apoio infalível de Gleason, levei algum tempo para chegar lá.

Dizem que o primeiro ano após uma perda importante é o pior. Nada mais óbvio; as perdas são um tipo específico de insanidade, e não há como amenizá-las. Não existem atalhos e o luto só é superado se for vivenciado. A gente acorda todo dia e espera a hora de dormir para acordar no dia seguinte e fazer o mesmo. Até que um dia você aterrissa. Gleason tinha razão; o chão acabou se materializando sob meus pés. Parei de me afundar na tristeza e pisei em terra firme. Foi um ano difícil, mas consegui me manter fora do hospital, salvo durante quatro dias em novembro, quando Abby fez um ano – e a morte de Lucy também. No entanto, Abby me resgatou. Ou acho que é mais acertado dizer que o fato de ser o pai de Abby me resgatou. Exatamente como Lucy sabia que iria acontecer.

Virei a esquina e entrei em River's Peace – um nome bem adequado, com aquela brisa suave, o silêncio e o céu azul. Depois daquela véspera de Natal quando Lily me levou até ali, eu não tinha voltado durante quase dois anos. Não voltei até a morte de Muriel Piper. Depois do enterro, precisei de todas as minhas forças e da promessa de Ron de me esperar na esquina, para, finalmente, chegar sozinho à sepultura de Lucy. E foi como se ela estivesse à minha espera. Embora eu imaginasse que a dor fosse me engolir, encontrei um consolo sereno, um calor que me fez

lembrar a mão dela entre as minhas. Não exatamente, claro, mas a sensação era de que Lucy estava por perto, uma sensação boa.

Atualmente as visitas já são mais fáceis e as faço em ocasiões especiais ou toda vez que consigo inventar uma. Como hoje. No calendário pendurado na parede da minha cozinha há três anos, o dia de hoje tem um círculo azul e rosa em volta. Foi o dia em que conheci minha filha, o dia da ultrassonografia. O dia em que Lucy e eu compramos a tinta cor-de-rosa, que será sempre a cor das paredes do quarto de Abby. Quando vou ao cemitério recordando essas ocasiões, digo a mim mesmo que Lucy as está recordando também.

Subo a ladeira que leva aos túmulos e paro diante da sepultura da minha mulher. Beijo meus dedos e toco o nome inscrito na lápide.

– Oi, amor – falo sem chorar.

As rosas brancas indicam que Priscilla esteve aqui esta semana. Ela sempre deixa rosas brancas. Lily costuma trazer margaridas e, às vezes, lírios amarelos. Abby contribui com uma série de presentinhos – um macaco de pelúcia, uma chave, um desenho totalmente indecifrável que ela jura que é a mãe, o pai e Abby.

Eu trago cacos de vidro.

Ponho minha oferenda sobre a lápide onde já existem alguns cacos de visitas anteriores. Cor-de-rosa, topázio, turquesa. Os de hoje são cor de rubi, provavelmente saídos de uma velha boia de pesca. Cacos de vidro foram o símbolo do nosso casamento. Para mim, porém, representam mais ainda o nosso amor. Lucy costumava dizer que me amava tanto que, se pudesse, dançaria comigo para sempre sobre cacos de vidro.

Conto com isso.

Perdi-me nesse pensamento e não percebi quando Lily se aproximou da curva e parou o carro. Não percebi até ouvi-la abrir a porta traseira e libertar sua pequena passageira. O riso de Abby me despertou do devaneio. Minha filha é uma miniatura de 2 anos e meio da mãe, menos pelos olhos, que são meus. Ela tem uma vasta cabeleira de cachos escuros, que com grande esforço consigo desembaraçar, e um sorriso perpétuo, salvo quando a obrigo a comer ervilhas.

Hoje ela está usando um vestidinho branco e uma sandália de dedo cor-de-rosa, difícil de manter nos pés ao longo da ladeira de cascalho. Quando chega à parte plana, porém, minha filha dá uma corrida até onde estou e eu a pego no ar. Nunca me canso da sensação do seu corpinho sólido em meus braços. Lily pintou suas unhas dos pés, e Abby me explica o processo, inclusive com uma descrição da secagem que implica um pouco de contorcionismo da sua parte. Solto uma gargalhada enquanto Lily sobe a ladeira com um vaso de margaridas, que deixa sobre o túmulo.

– Parece que Priss esteve aqui.

– Tudo indica que sim – confirmo, sorrindo.

Lily sofreu muito também, mas partilhamos nosso luto e aparentemente isso nos ajudou a cuidar um do outro.

Sento-me no banco de mármore, e Abby escapole do meu colo para ir se postar ao lado da tia.

– Mamãe?

Lily confirma.

– Mamãe. – Ela se abaixa para arrancar uma margarida do vaso e prendê-la atrás da orelha de Abby. Depois, vem se sentar ao meu lado. – Como você está?

– Estou bem, Lil.

Ficamos calados um minuto, ambos observando Abby agachada, acompanhando com o dedo os contornos do nome da mãe.

– Então, como se comportou a general? – pergunto.

– Como a gostosura que ela sempre é.

– Ainda está de pé o acordo para hoje à noite?

Lily confirma:

– Pode deixá-la na Fantasma quando for trabalhar. Ela pode me ajudar a fechar a loja.

– Por volta das seis – digo, consultando o relógio. Dou um suspiro. – Venha, Abs. Vamos ao Mosely's.

– Doce?

– Se você se comportar.

Abby passa por mim saltitando para dar um beijo na tia.

– Tchau, fofinha – diz Lily. – A gente se vê mais tarde.

– Você vem, Lil?

– Ainda não – responde minha cunhada sorrindo. – Acho que vou fazer um pouquinho de companhia à minha irmã.

Durante um minuto, Lily e eu apenas nos encaramos. A perda de Lucy nos transformou em almas gêmeas.

Assinto.

– Acho que ela vai gostar.

Então ponho minha filha sentada nos meus ombros e desço a ladeira do cemitério.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

O melhor de mim, O casamento, À primeira vista, Uma curva na estrada, O guardião e Uma longa jornada, de Nicholas Sparks

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



[facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br